

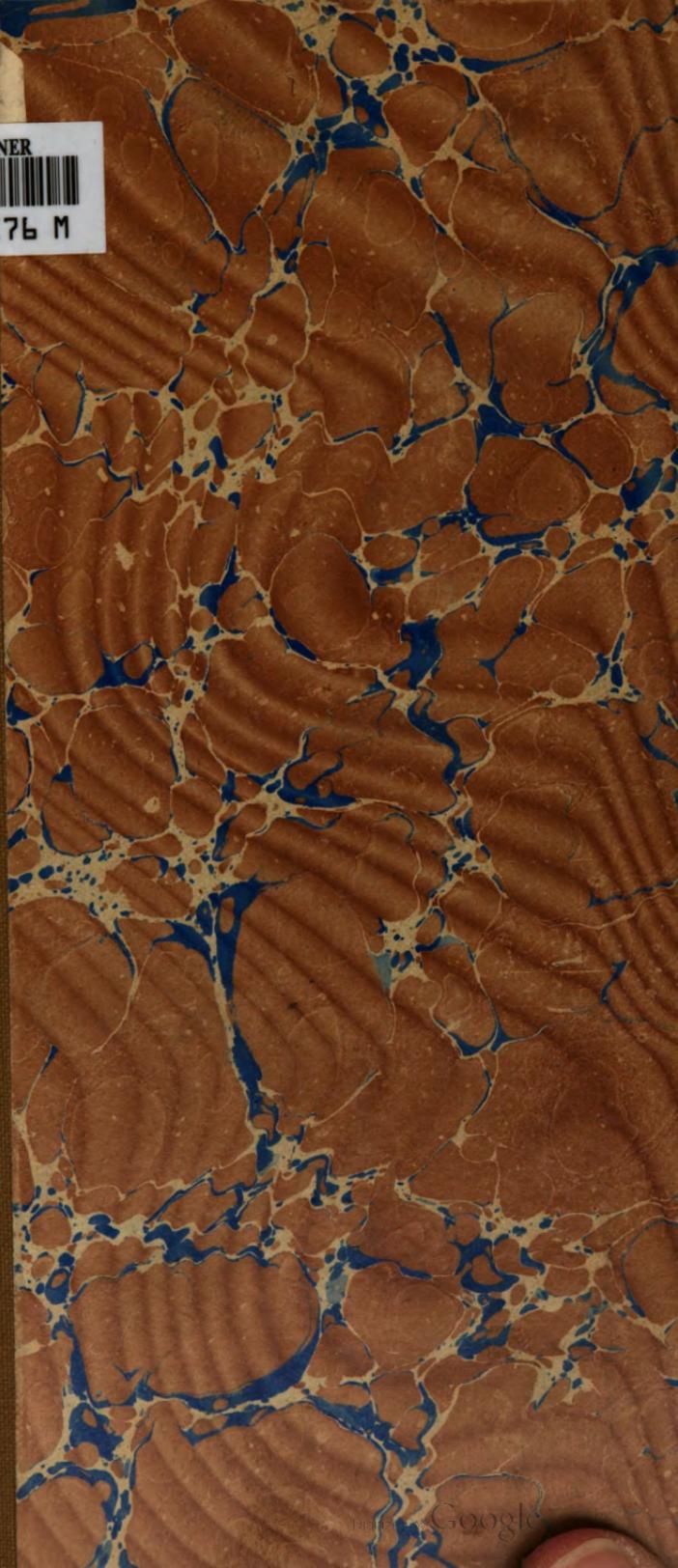
Mendes Leal - Napoleão no Kremlin - I

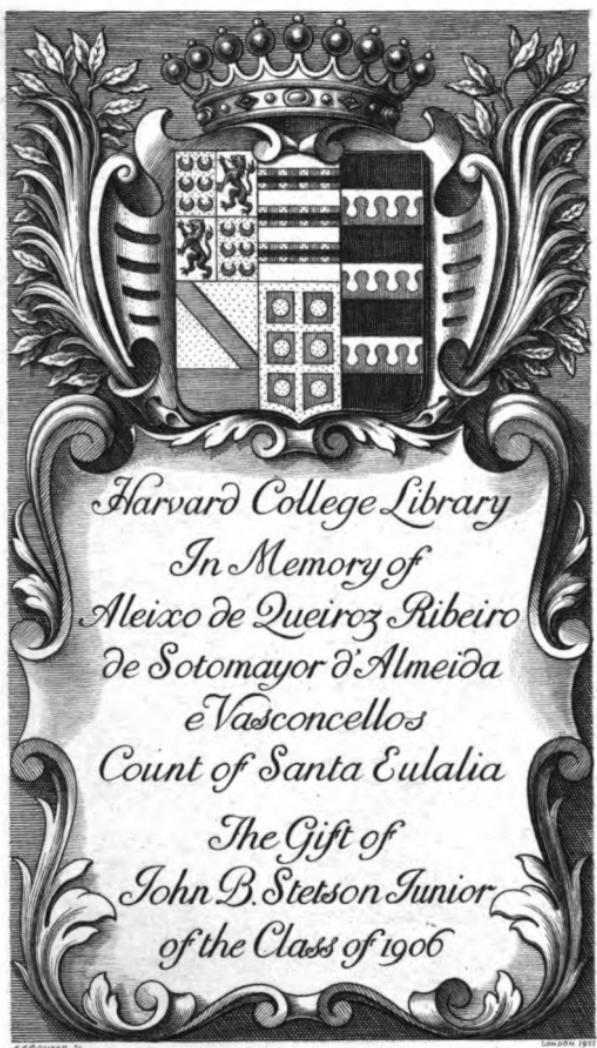
Port
6240

WIDENER



HN ZK76 M





~ 15 " 6.8 " 80
Fernando

G. H.
65-10 NAPOLEÃO

NO KREMLIN

POR

J. DA S. MENDES LEAL

000000000

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL

26. Travessa da Parreirinha, 26

1865

Port, 6240. 5. 375

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1926

AO PRINCIPE DA LYRA

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Philósopho, poeta, obreiro do futuro,
Qual és, benigno acceita o canto que murmuro,
Ante as urnas da historia, á minha solidão.
Da tua ethérea luz á sombra estende a mão!

Sic fata voluerunt.

I

Era a collina sancta, e em volta a gran-cidade!

Revolvera o cabeço uma audaz tempestade
De granito e de bronze, arremeçando aos ceus
Por ondas bastioens, por vagas coruchéus!
Era nova Babel, soberba e formidavel;
Tudo o que é oppressor; tudo o que é implacável;
Das impostas pendendo os anneis dos grilhoens;
Séteiras nos jardins; nos eirados canhoens;
Cem vigias de pedra em cada miradoiro;
Ao rez grades de ferro; em cima tectos d'ouro;
Uma pompa violenta, uma anciosa mansão,
Que dirieis romper da bocca d'um vulcão!

A espaços, coroando a tétrica cerviz
 D'um torreão firmado em rudes alcantis,
 Metalico zimborio esplende ao astro esquivo,
 Como o élmo que aperta a fronte de um captivo.
 Emmaranham-se á vista arcadas e quarteis,
 E os grossos revelins, e os rendados maineis.
 A um tempo Europa e Asia, opprobrio e maravilhas ;
 N'um reducto um bazar; as áras nas bastilhas;
 Abrolhando o recinto um selvoso espessor
 De agudos campanis—e no todo o terror!

Era a suspeita armada, eterna sentinella,
 Por 'dentro Pantheôn, por fóra cidadella !
 Era, ao dubio alvorar que precede a manhan,
 O poema d'Igor em torno á cruz d'Ivan;
 Revolta construcçao d'um Encélado novo;
 Garra adunca e brutal sobre o peito d'um povo;
 Funesta allegoria, affronta da razão,
 Que intenta dizer: gloria! e diz: escravidão!
 Era a ameaça feroz na turbida grandeza ;
 Templo, ergástulo, paço, erario, e fortaleza !
 Era o alcaçar do Norte, o seu sanctuario, emfim
 A acrópole augural do Scytha—era o Kremlin !

II

No mais alto mirante um vulto grave e mudo,
 Todo nevoas o ceu, na terra immovel tudo,
 Contempla vagamente as vagas solidoens.

De força e de grandeza inda não satisfeito,
Aspira o espaço e a noite—a dextra sobre o peito
Como para conter a furia das paixoes.

A metrópole immensa, adormecida ou morta,
O immenso pedestal, que rendido o supporta,
As planuras que ao longe ondulam como um mar,
As hóstes, os tropheus, a conquista, os portentos,
Nada d'isto ja vê; taes são seus pensamentos,
Tam alta a mente foi, tam fundo é seu scismar.

Quem é elle? O que faz? D'onde vem? Com que fito?
Incansavel obreiro interroga o infinito;
Paz não tem; lei não quer; vai, vai; não conta os sões;
E se instantes parou, quando a fortuna o prova,
É para meditar alguma audacia nova,
Na attitude que toca aos Numes e aos heróes!

D'onde vem? Attentae. Correi; segui-lhe o rasto.
Nunca sulco mais fundo em terreno mais vasto!
Manda: o Occidente afflue.—Que estrugir! Que avançar!
Que longo! Que voraz! Que enorme! Que terrivel!
Esta chamma? Hontem era um castello invencivel.
Esta cinza? Era ha pouco arrogante solar.

O facho precursor alonga um ermo aberto.
Investe a legião, defende-se o deserto.
D'Átila a grande sombra, ao ver os capitaens
Violar da patria selva os não cursados trilhos,
Pensativa procura, afastando seus filhos,
Um tumulo que sirva aos filhos dos Titaens

Quem é? O homem-cratéra; emblema, sphinge, arcano;
 Tanto como um propheta, e mais que um soberano.
 Um dia o viu reinar mal outro o viu surgir.
 Sam-lhe os povos degraus; o imperio foi-lhe ensaio;
 Na larga fronte um Deus; nos olhos d'aguia um raio;
 Pelas trevas se entranha, e elabora o porvir.

De Karl, o Invicto, o Magno, o Imperador especreto,
 Tomou nas fortes mãos o gladio, o globo, o sceptro;
 Co'a tunica viril das desprendidas greys
 Tam amplo manto fez, que esconde, dilatado,
 D'um lado os Pyrenéus, os Alpes d'outro lado,
 E nas sobras talhou dez purpuras de reis.

Quem é? Seu grande nome o espanto e o ardor espalha,
 Como o som d'um clarim n'uma dia de batalha.
 Ha muito o Austro o acclama. Hoje o Septemtrião
 Atérrito o escutou no horror de Borodino...
 A Historia escreverá: «chamava-se o Destino!»
 Á voz dos seus canhoens trouou: «Napoleão!»

No humilhado frontal das basilicas nuas
 Levantam-se-lhe aos pés, velando, as aguias suas,
 As aguias triumphaes, as aguias d'Austerlitz.
 Volve acaso o semblante. Olhou. Mira a victoria
 Nos amados pendoens, que inflamma tanta gloria,
 E o coração trasborda, e rompe o verbo, e diz:

III

—«Eis-me. Cheguei. Mais fulgido
 Meu astro se elevanta:

No coração do Tártaro
Encosto o ferro e a planta.

Eis-me. O leão da Córsega
Emfim vos empolgou,
Ó capital das cúpulas,
Ó torres de Moskow!

Eu sou o Ajax authentico,
A authentica epopéa,
Aurora apoz crepusculo,
Espada feita idea.

Fadou-me Arcóle e Rívoli
Marengo, e Lodi, e as mais;
Rompi d'um canto homérico
Em dias immortaes.

O mesmo sou, que os séculos,
De tanto ousar pasmados,
No cimo das pyramides
Mostrei aos meus soldados.

Fiz n'essa terra, symbolo
De olympicos avós,
Estremecer nos tumulos
Os velhos Pharaós;

N'essa, ao potente estrépito
Do arrojo e das victorias,
Cubri co'as palmas ínclitas
As maximas memorias;

N'essa, mysterio pávido
 Onde o passado rue,
 N'essa, de assombros pródiga,
 Maior assombro eu fui.

Era Alexandre o prólogo.
 Tentou-me. Em cem combates
 Arremessei, seu émulo,
 O Nilo sobre o Euphrates.

No turbilhão phantástico
 Dos rapidos corseis,
 Ardentes vi cercárem-me
 Os esquadroens dos Beys;

Vi mais—ceára horrifica
 De alfanges e trabucos!—
 Os marciaes Janizaros,
 Os feros Mamelukos;

E a densa turba innúmera,
 Ao breve acêno meu,
 Sombra tornada, súbito
 Às sombras seolveu.

No pó de heroicas épochas
 Ficaram meus vestigios;
 A par das lendas bíblicas
 Tracei novos prodigios.

Aos vãos chegou do Libano
 Meu béllico trovão,

E do Thabor aos pincaros,
E ás margens do Jordão.

Sobre os dispersos idолос
Meus batalhoens marcharam;
De feito a feito alçando-se,
Ovantes acamparam

De Thebas entre os pórticos,
Em Memphis sem rival...
Fêz-se ás gigânteas fabulas
A minha historia igual.

E o proseguir esplendido
Da triumphal carreira,
Quando a meus pés atónita
Prostrei a Europa inteira!

Quando, as cohortes férvidas
Dispondo a meu sabor,
Ao fim de um dia tragico
De universal terror,

Em vindo a erguer-se o Véspero,
Surgia da metralha
Nas mãos trazendo, incólume,
Um reino e uma batalha!

Meu curso meteórico
Não pára; a lucta é van:
Sucedem-se fatídicas
Iéna, Eylau, Wagram.

Sou vencedor, sou árbitro
 Aos curvos hemispherios;
 «Surgi» ordeno, e surgem-me,
 Quaes os desejo, imperios.

Triumphos e catastrophes,
 Estados, leis, naçoens,
 Os fulgorantes prestitos,
 As bastas legioens,

Confundem-se, ennovellam-se
 Na cerração turbada
 D'um cahos, ao relampago
 Que vibra a minha espada.

Quiz Deus tornar-me o Génesis,
 Que em breve ha de accender
 Nos homens novo espirito,
 Nas eras novo ser.

A evolução recôndita
 Avança d'hora em hora:
 Trabalho sobre a íncude
 A humanidade agora.

O herdeiro dos Apostolos
 Ungiu-me entre os christãos,
 E eu mesmo a c'roa altissima
 Cingi com estas mãos.

Deixei submisso, trémulo
 Como exorando as Parcas,

Aos meus humbraes um séquito
De palidos monarchas.

Este diadema unico
D'estrellas constellei;
Em nova, summa Iliada
Sou já de reis um rei.

E aqui!... aqui rodêam-me,
Activos serviçaes,
Os meus ministros-príncipes,
Meus duques-marechaes !

Fervem do Sena ao Vistula
Os arraiaes em peso,
Como nas veias tumidas
Um sangue em febre accêso !

Olhae ! Conduzo unâimes,
Mais fortes cada vez,
Germanos, frankos, ítalos,
O proprio portuguez;

O portuguez, que intrépido
Sabe ir, honrando os lares,
Descortinar o incógnito
Vencendo terra e mares !

Quem ha-de pois com exito
Meus planos impedir ?
Aos orbes posso o âmbito,
Com braços taes medir !...

Moscow, teu solo as máculas
 D'escravo teve; apague-as:
 Venci o repto altisono
 Das aguias contra as aguias.

E tu, rival marítimo,
 Aqui te enfreio a acção!...
 Ó Russia, emfim pertences-me!
 Emfim és meu, Bretão! »

IV

No ardor que o move, a mão comprime ao peito ingente,
 Absorto fica, e de repente
 O tolhe, e todo o enleva, um extasi sem par.
 Encontrára no seio a leve miniatura,
 Que o filho, o filho tenro, ao vivo lhe figura,
 E n'elle o amor, a esposa, o lar.

Humanou-se o colosso. O tenue quadro encara;
 Revê na mente a imagem cara;
 Quer-lhe, apesar da sombra, o rosto distinguir;
 Um rosto angelical, alvo, louro, rosado,
 Cândido lyrio em flor, de purpura orvalhado,
 Que estrélia a noite, e a faz sorrir.

Foi prenda conjugal. Ao recebel-a o esposo,
 Rompia o choque pavoroso
 Da batalha que abriu as portas de Moskow!
 Com saudades talvez, talvez também com prantos,
 O grão conquistador anceia afectos santos...
 É pae! — Depois continuou:

V

— «Ó filho, foi-te oráculo
 O genio meu profundo :
 Ó filho, achaste um mundo
 No berço imperial.
 Que resplendor, que auréola
 De gloria, de thesouros,
 De conquistados louros,
 De pompa triumphal !

Cesar, que vens de Césares,
 Deus pôz-te, alma adorada,
 A tradicão, a espada
 Nos braços infantis.
 Nasceste rei. Teu titulo
 Da mór grandesa assoma.
 Nasceste rei de Roma,
 E Roma o globo diz.

C'a herança conta. Alargo-t'a.
 A immensa monarchia
 Apuro noite e dia
 No paternal crysol.
 Legar-te quero o circulo
 Que os povos encorpora,
 Desd' onde surge a aurora,
 Té onde baixa o sol.

Dissiparão no vórtice
 Os diques derradeiros
 Meus bravos granadeiros,
 Meus esquadrões sem fim.
 Da cúpula estellifera
 Dominarás robusto,
 Ó tu, futuro Augusto,
 Que és hoje cherubim.

Meu mando, egregio e próvido,
 Cabal a terra invade.
 Não mais que uma vontade,
 Que um throno, e que um altar!
 É tempo. Os fados cumprem-se.
 Desvende-se o mysterio...
 Universal imperio
 Começo hoje a fundar!...»

VI

N'isto uma chamma, e outra, e cento, e centos
 Brotam-lhe em torno, as trevas arraiando ;
 Abrazam-se os minados monumentos ;
 Cresce o mal, cresce o damno, desabando
 No rubro chão os rotos pavimentos ;
 Negro e espesso vapor, de quando em quando,
 O espaço tolda, golpha nas verédas.
 É tudo em pouco um mar de labaredas !

Soprando sobre a ardente cataracta,
 Rijo aquilão o estrago faz mais breve,

E o hynverno boreal, veloz, desata
 Dos rócheos hombros o lençol de neve.
 Triumpha a morte; o horror o horror dilata ;
 O espirito a medil-o mal se atreve.
 Que dôr ! Que fim ! Que circulo medonho !...
 Tal foi o despertar qual fôra o sonho !

Inspira patrio amor delirio intenso.
 Do rude Scytha a barbara energia
 Faz do seu Capitolio um facho immenso,
 (Funerea tocha em lugubre agonia !)
 E brada ao vencedor tôrvo e suspenso :
 — « Hospede vens: meu braço te allumia ! »
 Pressagio triste ao grande temerario !
 O incendio, occaso ! Os gellos, um sudario !

D'esse lume ao revérbero inimigo
 Vê-se, na encosta qu'inda o sangue innunda,
 Descendo, só, quem só contou comsigo ;
 E no extremo fatal (licção profunda !)
 Como o padrão do Prometheu antigo,
 Um rochedo surgir, que o mar circumda—
 O mar, espelho azul da immensidade,
 Cantico eterno á eterna liberdade !

VENDE-SE NOS SEGUINTE'S LOCAES

Escriptorio da Typographia da *Gazeta de Portugal*, tra-
vessa da Parreirinha, 26, 1.^o andar.

Livraria de Silva, praça de D. Pedro, 22 a 25.

Livraria de Pereira, rua Augusta, 50 e 52.

Livraria de Lavado, rua Augusta, 29 e 31.

Preço 100 réis.



Digitized by Google

